

Proteína revela história do homem nas Américas

ANA LUCIA AZEVEDO

Uma proteína existente no sangue foi o guia escolhido por um grupo de geneticistas gaúchos para fazer uma viagem no tempo e encontrar um caminho que levasse ao início da história do homem nas Américas. A gamaglobulina, a proteína selecionada, fez os cientistas regressarem mais de 20 mil anos e as pistas fornecidas por ela podem mudar a teoria sobre a origem do homem no continente americano. Os dados levantados sugerem que os primeiros homens devem ter chegado numa época situada entre 20 mil e 40 mil anos atrás.

O estudo feito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) promete dar sangue novo aos trabalhos arqueológicos contrários à teoria tradicional, que afirma que o homem pisou no solo americano pela primeira vez há cerca de 15 mil anos e ocupou a América do Norte, Central e do Sul em três grandes levas migratórias.

Coordenado pelo biólogo e geneticista Francisco Mauro Salzano,



Os caiapós estão entre os 60 grupos indígenas selecionados para o estudo

no, o trabalho do Departamento de Genética do Instituto de Biociências da UFRGS foi apresentado na semana passada no X Congresso Latino-Americano de Genética. O estudo analisou as

variações ocorridas na gamaglobulina em 60 grupos indígenas das três Américas, sendo que dois terços deles são da América do Sul, como os xavantes e os caiapós. O resultado mostrou

uma grande variação na gamaglobulina, indicando acentuada diversidade genética.

O pesquisador explicou que a gamaglobulina é um bom marcador racial, isto é, tem características distintas em cada grupo e mesmo dentro dos próprios grupos. Por isso, o estudo de suas variações pode ser usado para medir quando o processo de diferenciação começou. Quanto mais diferenças forem encontradas, maior é o tempo necessário para que tenham ocorrido.

De acordo com estudos feitos nos Estados Unidos, existem três grandes grupos formadores nas Américas: os ameríndios (fazem parte desse grupo as tribos sul-americanas e boa parte das dos EUA e do Canadá); os nadene (um pequeno grupo da América do Norte) e os esquimós (que vivem nas regiões setentrionais).

Para Salzano, a hipótese de que o homem chegou à América por uma ligação que existia no Estreito de Bering, entre a Sibéria e o Alasca, é plausível, mas existe muita polêmica em relação à época em que isso teria acontecido e ao número de ondas de migratórias.

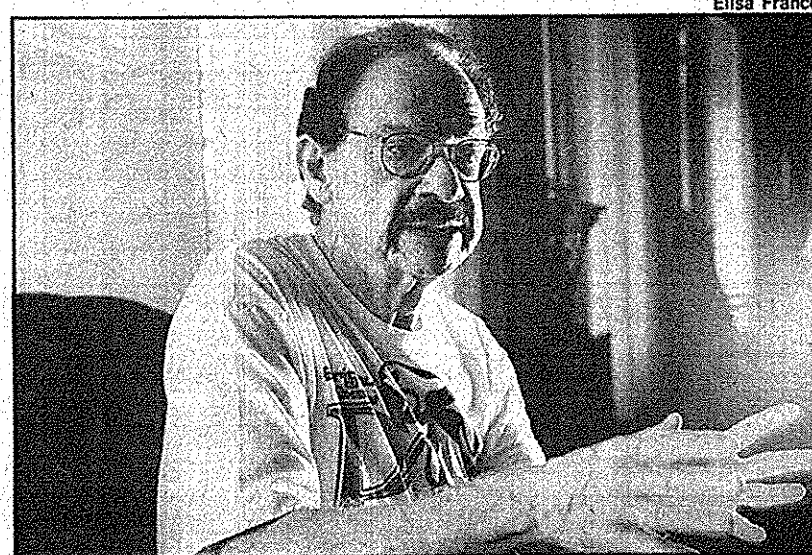
DNA acerta os ponteiros do relógio biológico

O estudo ainda não está concluído e os dados obtidos até agora serão comparados com os conseguidos através da análise do DNA (ácido desoxirribonucleico), que guarda nossa herança genética. As informações fornecidas pela gamaglobulina fizeram os pesquisadores levantarem duas hipóteses, ambas, no entanto, contestam a teoria vigente, sugerindo um tempo maior para a ocupação das Américas.

A primeira hipótese, disse Salzano, é a de que existiriam mais grupos migratórios do que se imagina. A outra é a de que poderiam ter havido diferenciações biológicas à medida que as populações colonizadoras sofriam influências do ambiente.

Há ainda a possibilidade de ambas as hipóteses estarem corretas — acrescentou.

Salzano e sua equipe começaram a isolar o DNA dos mesmos grupos para verificar se as informações da gamaglobulina serão confirmadas. O trabalho está sendo feito em colaboração com a Universidade americana de Utah e os primeiros resultados são animadores. Os geneticistas estão analisando o DNA das mitocôndrias, que são ór-



Salzano diz que o homem chegou nas Américas há mais de 20 mil anos

gãos celulares cuja herança genética só é transmitida pela mãe, o que permite o estudo através de gerações.

— Se existiram grandes levas migratórias, elas devem ter sido pelo menos quatro — disse Salzano.

A base de sua estimativa está no número de linhagens mitocondriais encontradas, que por enquanto são quatro. Essas li-

nhagens seriam como raças de mitocôndrias. Através do número de variações é possível estabelecer o tempo em que teria se iniciado a diversificação, como num verdadeiro relógio biológico.

— Nosso relógio biológico indica um período situado há mais de 20 mil anos — disse Salzano, que espera terminar o estudo em maio. (A.L.A.)

Descobertas recentes causam divergências

A briga sobre a história da ocupação humana nas Américas tem colocado de um lado os seguidores da teoria da arqueóloga americana Betty Meggers, que dizem que o processo começou há no máximo 15 mil anos, e do outro os que sustentam que o homem colonizava as terras americanas há mais de 20 mil anos. Os expoentes dessa corrente são as arqueólogas brasileiras Niede Guidon e Maria Beltrão e a americana Anna Roosevelt.

Em janeiro, Roosevelt mostrou fragmentos cerâmicos encontrados no Pará, que indicariam a existência de uma cultura avançada na região há cerca de oito mil anos, sugerindo que os primeiros povoadores teriam chegado muito antes. Seu estudo reforçou as descobertas de Guidon, que desencavou em São Raimundo Nonato, no sertão do Piauí, as mais antigas pistas da presença do homem na América.

Ela encontrou restos do que teria sido uma fogueira acesa há 47 mil anos. Meggers vê com ceticismo os novos dados e diz que é preciso obter provas mais convincentes para derrubar sua teoria, baseada em achados feitos na América do Norte. (A.L.A.)